

**Congreso Iberoamericano de Educación**

**METAS 2021**

Un congreso para que pensemos entre todos la educación que queremos  
Buenos Aires, República Argentina. 13, 14 y 15 de septiembre de 2010

## **DOCENTES**

### **José júlio de bettencourt rodrigues – un hombre de arte y ciencia en portugal y brasil**

Aires Diniz<sup>1</sup>; Luísa Martins<sup>2</sup>; Jorge  
Bonito<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Escola Secundária de Avelar Brotero de Coimbra (Portugal). aires.diniz@hotmail.com

<sup>2</sup> Escola Secundária de Alves Martins de Viseu (Portugal). luisalopesmartins@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade de Évora (Portugal). jbonito@uevora.pt

## 1 – JOSÉ JÚLIO DE BETTENCOURT RODRIGUES – UMA PRIMEIRA ABORDAGEM AO SEU PERCURSO ESCOLAR E PROFISSIONAL

José Júlio de Bettencourt Rodrigues matriculou-se na Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra (Portugal) em 1892, pouco antes da morte do pai. Estudou três anos na Universidade, até 1895. Abandonou estes estudos para ir para Bruxelas cursar Belas Artes. Regressou em finais de 1897, ou princípios de 1898, para acabar o curso de Química que havia iniciado em Coimbra. Decidiu, então, ser professor liceal, fazendo o respectivo concurso de ingresso. Foi, sucessivamente, professor da Escola Agrícola de Coimbra e Liceus de Angra, Lamego, Nova Goa, Lamego, Leiria, Camões, Portalegre, Viseu, Évora, Faro, Alexandre Herculano, Rodrigues de Freitas e Viana do Castelo, assinando o seu nome apenas com “José Júlio Rodrigues”. Aposentou-se em 1944 e decidiu ir viver para o Brasil onde acabou por morrer em 27 de Agosto de 1948, em Niterói (Brasil).

Em 1914, estando no Brasil, fundou uma Escola de Altos Estudos e, por encargo do Governo Português, estudou aí a organização do Ensino Secundário no Brasil. Foi professor na Escola de Engenharia de Pernambuco e em estabelecimentos de ensino secundário do Recife. Teve ainda actividade notável no Instituto de Estudos Portugueses Afrânio Peixoto, no Rio de Janeiro. Esta sua admiração e simpatia pelo Brasil expressou-a em *Brasil de Relance*, publicada em e prefaciada por Mendes Correia. Nos últimos anos no Brasil dedicou-se à pintura, fazendo pequenos quadros com motivos religiosos. Representou Portugal nos Congressos de Ensino Secundário realizados em 1930 em Bruxelas e em Paris em 1931.

Embora na Enciclopédia Luso-Brasileira se diga que José Júlio Rodrigues escreveu sobre questões pedagógicas, artísticas e literárias e obras para o ensino das ciências no Brasil, nada se diz sobre o que escreveu nos anos 1910 em Portugal, nem que foi bolseiro na Bélgica.<sup>4</sup>

## 2 – UMA FAMÍLIA SOCIOCULTURALMENTE DESTACADA

Pouco se sabe de José Júlio Rodrigues embora seja do conhecimento que nasceu em [Lisboa, na Freguesia das Mercês](#), em 5 de Novembro [1876](#), sendo filho de [José Júlio de Bettencourt Rodrigues](#), Lente de Química na Escola Politécnica e no Instituto Industrial de Lisboa, e de [Eulália](#) Henriqueta Bettencourt Rodrigues, natural de Cabo Verde. Seus avós paternos eram José Júlio Rodrigues e Teresa Cristina de Sá Bettencourt. Os maternos era Francisco Maria Bettencourt e Teresa Carolina Brito Bettencourt. Júlio Gualberto Bettencourt Rodrigues e António Maria Bettencourt

---

<sup>4</sup> AAVV, *Grande enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Editorial Enciclopédia, Lisboa, 1947, Vol. XXV, p.932.

Rodrigues, solteiro, eram seus tios paternos, sendo o primeiro seu padrinho. Nossa Senhora da Conceição era a sua madrinha.<sup>5</sup>

Casou na Freguesia da Pena, em Lisboa, no ano de 1900, com Maria Jesuína Corrêa Mendes, nascida em 15 de Julho de 1877. Teve, seguramente, três filhos:<sup>6</sup> [Maria Alice Corrêa Mendes de Bettencourt Rodrigues](#), cuja data de nascimento não é conhecida, que casou com José Andrade Sequeira; Júlio de Bettencourt Rodrigues nascido a 30 de Maio de 1904 em Lamego; e Vera Corrêa Mendes de Bettencourt Rodrigues (n. 14 de Outubro de 1905 – m. 26 de Março de 1963), natural de Lisboa, tendo casado em 14 de Outubro 1927 com Joaquim António de Lemos Lobato de Faria (n. 14 de Setembro de 1902 – m.15 de Junho de 1982), capitão-de-mar-e-guerra do porto da Figueira da Foz e de Caminha (n. em Pangim, ilhas de Goa, em 1902), nascendo em 20 de Abril de 1932 uma das suas filhas, Rosa Maria de Bettencourt Rodrigues Lobato de Faria, uma guionista e romancista falecida em Fevereiro de 2010.<sup>7, 8, 9</sup>

José Júlio Rodrigues divorciou-se, provavelmente, entre 1930 e 1931, estando os Autos de acção de divórcio no Tribunal Judicial da Comarca de Olhão. Era, então residente, no sítio de Belamandil, Freguesia de Pechão, enquanto a sua esposa residia em Lisboa.<sup>10</sup>

Oriundo de uma família madeirense, será com nostalgia e poesia que nos mostra a vida que teve na rua da Carreira, no Funchal, onde decorreu parte da sua infância numa casa de aristocratas burgueses, que recorda num texto cheio de saudade chamando-lhe à velha habitação uma “casa assombrada”, num sentido amargamente saudoso.<sup>11</sup>

## 2.1 – O PAI

José Júlio de Bettencourt Rodrigues (pai) foi um grande químico português. Nasceu no Funchal, em 8 de Maio de 1843, sendo filho do casamento (Santa Maria Maior, Funchal, 1842) entre José Júlio Rodrigues (n. Bardez, Índia, 6 de Maio de 1812), então delegado do procurador régio na comarca do Funchal, e de Teresa

---

<sup>5</sup> *Arquivo da Universidade de Coimbra*, Certidões de Idade, Depósito IV, 1.ª secção D, estante 5, tabela 2, n.º 67.

<sup>6</sup> A nossa pesquisa tem apontado para a existência de um quarto filho de José Júlio Rodrigues, de nome Germano, provavelmente ilegítimo, pese embora necessitemos de mais elementos confirmatórios.

<sup>7</sup> FORJAZ, J., & NORONHA, J. F., *Os luso-descendentes da Índia Portuguesa*, Fundação Oriente, Lisboa, 2003, Vol. I, p. 522.

<sup>8</sup> FORJAZ, J., & NORONHA, J. F., *Os luso-descendentes da Índia Portuguesa*, Fundação Oriente, Lisboa, 2003, Vol. III, p. 431.

<sup>9</sup> GENEALOGIA PORTUGA, Árvore genealógica de Rosa Lobato de Faria, *DNGente*, 29 de Setembro de 2009. Arquivo disponível em [http://dn.sapo.pt/gente/interior.aspx?content\\_id=1484967](http://dn.sapo.pt/gente/interior.aspx?content_id=1484967), consultado em 7 de Julho de 2010.

<sup>10</sup> ARQUIVO DISTRITAL DE FARO, *PT/ADFAR/JUD/TJCOLH/003/01041*. Arquivo disponível em <http://digitarq.adfar.dgarq.gov.pt/default.aspx?page=regShow&ID=1009407&searchMode=lf>, consultado em 30 de Março de 2010.

<sup>11</sup> RODRIGUES, J. J., Silhuetas e visões, *Revista da Cidade*, Armelím Cácia, Faro, 1930, p. 165.

Cristina de Sá Bettencourt, natural da Freguesia de São Pedro, Funchal (Portugal).<sup>12</sup> Era, portanto, o segundo descendente com o mesmo nome. Formou-se em matemática, na Universidade de Coimbra. Pouco tempo depois, foi nomeado professor de Introdução à História Natural dos Três Reinos do Liceu de Lisboa.<sup>13</sup> Mais tarde, foi presidente do Mercado Central de Produtos Agrícolas, comissão de que se exonerou quando se retirou para o Brasil (1892).

É ao pai que José Júlio Rodrigues (filho) dedicará o seu primeiro livro, sobre a música de Wagner (n. 1813 – m. 1883), que conheceu em 1895 quando foi estudar para Bruxelas. Mostrando-se admirador do senhor seu pai escreverá: “À Memória de meu Pai, Aquele cujo robusto talento e grande coração me forneceram os mais altos e indeléveis ensinamentos da minha Mocidade. Eu dedico o meu primeiro livro”.<sup>14</sup> A seu pai dedicará, também, um texto em 1930 onde traça o retrato de um homem lutador pelo bem e imagem do país, dando dele a representação de alguém que fazia da ciência uma forma de valorizar o país e de o preparar para o futuro. José Júlio Rodrigues (pai) foi, também, professor no antigo Liceu Nacional de Lisboa. Nomeado Lente Substituto da 6.ª cadeira e de Química Inorgânica da Escola Politécnica de Lisboa, passou a Lente Proprietário em 1887. Em 1876 já era um cientista de sólida reputação na Europa, pois tinha desenvolvido a secção fotográfica ou artística da Direcção-Geral dos Trabalhos Geodésicos desde Fevereiro de 1872, sendo, então, nomeado para chefe desta secção pelo General Filipe Folque. Organizou-a e desenvolveu-a, valorizando este serviço contra a má vontade dos indígenas pátrios que não percebiam a sua real valia no progresso científico e tecnológico. Através da notícia que elaborou em 1876, vemos como desenvolveu processos de produção fotográfica que inseriram Portugal no processo científico de natureza química que mostra dominar bem.<sup>15</sup> Fará, em 1892, o seu resumo de uma vida científica obstaculizada por demasiadas vezes por um poder político obtuso, que merece um trabalho autónomo cujo desenvolvimento neste estudo estaria desajustado.

José Júlio de Bettencourt Rodrigues (pai) foi sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa, do Instituto de Coimbra, da Sociedade de Geografia, da Sociedade de Ciências Médicas, da *Société des Gens de Lettres* e da Sociedade Francesa de Fotografia, entre outras.<sup>16</sup> Quase no final da vida, em 1892, escreveu *Simple apontamentos de alguns trabalhos e serviços de José Júlio Rodrigues durante 28 annos de vida publica em Portugal: publicações até Maio de 1892* (Typographia da Academia, Lisboa). Em 21 de Julho de 1884, fez uma conferência brilhante, publicada em 1884 com o título *Lisboa e a cholera* (Bibliotheca do povo e das escolas, Lisboa). Aí mostra como a falta de higiene pública está directamente ligada com a emergência desta doença. Morreu em 1893.

---

<sup>12</sup> AHMIRC – Arquivo Histórico da Madeira, *Índices dos Registos de Casamentos*, Arquivo Regional da Madeira, Funchal, 2000, Vol.3.

<sup>13</sup> SILVA, F. A., *Elucidário Madeirense*, 1921, vol. III, pp. 202-203.

<sup>14</sup> RODRIGUES, J. J., *A Música de Wagner*, Antiga Casa Bertrand – José Bastos, Lisboa, 1898.

<sup>15</sup> RODRIGUES, 1898, *idem*

<sup>16</sup> REIS, F., José Júlio Bettencourt Rodrigues (1843-1893), *Ciência em Portugal – Personagens e Episódios*. Arquivo disponível em <http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/p36.html>, consultado em 21 de Fevereiro de 2010.

## 2.2 – O TIO

António Maria de Bettencourt Rodrigues (n. 1854 – m. 1933) era irmão de Júlio Gualberto Bettencourt Rodrigues, de José Júlio de Bettencourt Rodrigues (pai) e de Elisa Cristina de Bettencourt Rodrigues, ambos filhos de José Júlio Rodrigues (avô) e Teresa Cristina de Sá Bettencourt e, portanto, tio de José Júlio Bettencourt Rodrigues (filho).<sup>17</sup> José Júlio Rodrigues (avô) era, por conseguinte, irmão de António Filipe Rodrigues e de Raimundo Venâncio Rodrigues (n. 13 de Maio de 1813), ambos filhos de Vicente Salvador Rodrigues (n. Serulá, Goa, Índia, 1 de Julho de 1775 – m. 26 de Fevereiro de 1834) e de Marina Pereira Meneses (m. 1822).<sup>18</sup>

António de Bettencourt Rodrigues frequentou em 1870-1871 as Faculdades de Matemática e de Filosofia da Universidade de Coimbra<sup>19</sup>, que após a implantação da República, em 5 de Outubro de 1910, se fundiram na Faculdade de Ciências, tendo obtido em 1886, na *École de Médecine de Paris*, o seu doutoramento em Medicina, na área das “doenças mentais”. Médico alienista, na escrita Ernesto Castro Leal<sup>20</sup>, António M. Bettencourt Rodrigues perfilhava ideais republicanos. Foi, por isso, em pleno regime monárquico, preterido para o lugar de director do Manicómio de Lisboa, decidindo estabelecer-se em 1892<sup>21</sup>, e em consequência, no Brasil, acompanhado, muito provavelmente, pelo seu irmão José Júlio de Bettencourt Rodrigues (pai).

Regressado a Portugal em 1913, foi nomeado embaixador em Paris, tendo sido demitido devido à revolução de 15 de Maio de 1915. Amigo de Sidónio Pais, aderiu ao golpe de Dezembro de 1917, e foi reinvestido na sua missão em Paris. A morte de Sidónio Pais trouxe-o de novo a Portugal, após uma curta permanência na delegação portuguesa à Conferência de Paz de Paris.

Através da leitura do seu trabalho de 1922, verificamos que é extremamente actualizado nas modernas técnicas da medicina, pois nele discute e mostra conhecer as práticas e investigações médicas inovadoras da época, assim como alguns dos protagonistas do seu tempo.

De facto, António Maria Bettencourt Rodrigues e José António Serrano foram pioneiros na descoberta da endocrinologia em 1890 ao aplicarem metade da tiróide de uma ovelha no tratamento do myxedema de uma mulher, obtendo bons resultados.

---

<sup>17</sup> GENEALL, José Júlio Bettencourt Rodrigues. Arquivo disponível em [http://www.geneall.net/P/forum\\_msg.php?id=150077](http://www.geneall.net/P/forum_msg.php?id=150077), consultado em 30 de Março de 2010.

<sup>18</sup> FORJAZ, J., & NORONHA, J. F., *Os luso-descendentes da Índia Portuguesa*, Fundação Oriente, Lisboa, 2003, Vol. III, p. 427.

<sup>19</sup> RODRIGUES, A. B., *Medicina e médicos - factos e comentários*, Lumen, Lisboa, 1922, p. 21.

<sup>20</sup> LEAL, E. C., A Ideia de Confederação Luso-Brasileira nas primeiras décadas do séc. XX, *Ibérica – Revista Interdisciplinar de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos*, 12(3), Universidade Federal de Juiz de Fora (Brasil), Dezembro/2009-Março/2010, p. 6.

<sup>21</sup> Através da consulta de [http://www.arqnet.pt/portal/pessoais/chagas\\_fev1919.html](http://www.arqnet.pt/portal/pessoais/chagas_fev1919.html) (acesso em 30 de Março de 2010).

Esta experiência foi repetida por George Murray em 1891 com ainda melhores resultados.<sup>22</sup> Os dois portugueses foram, assim, os fundadores da endocrinologia.

António Bettencourt Rodrigues foi, ainda, temporariamente escriturário por exigência de serviço na secção fotográfica dos serviços geodésicos auxiliando aí o irmão José Júlio Rodrigues no seu trabalho.<sup>23</sup>

A formação de um grande bloco luso-hispano-americano era uma das suas grandes aspirações. Como consequência, foi um dos maiores entusiastas da Confederação Luso-Brasileira como utopia etnocultural, geopolítica e económico-social, que devia ser concretizada gradualmente. Segundo ele, tornaria os dois países unidos numa “das mais formidáveis potências mundiais, depois de concretizada a aliança estabelecida entre a Confederação Luso-Brasileira com a Espanha e as repúblicas ibero-americanas, um bloco que estava, no seu pensamento, “destinado a ser talvez o centro de aglutinação de toda a latinidade”. A ideia de luso-brasileirismo, de António Maria Bettencourt Rodrigues, pode acompanhar-se n’*Uma Confederação Luso-Brasileira* (Livraria Clássica Editora, 1923). A família Bettencourt Rodrigues esteve, de facto, muito ligada ao Brasil, com continuidade em José Júlio de Bettencourt Rodrigues (filho), com três períodos de permanência, entre 1912 e 1935, e país onde viria a falecer.

Sob sua proposta, em Outubro de 1897, organizou-se em São Paulo (Brasil), o 4.º Congresso de Medicina e Cirurgia, o que revela alguma da influência de António Maria de Bettencourt Rodrigues, como médico, no contexto brasileiro, tendo integrado a própria Comissão Executiva do evento. Porém, por falta de recursos financeiros, o Congresso foi cancelado, e realizado no Rio de Janeiro três anos mais tarde.<sup>24</sup>

António Maria de Bettencourt Rodrigues foi Ministro de Carmona, no período pós-28 de Maio. Em 11 de Outubro de 1926 firmou o diploma que cria o concelho de São João da Madeira (Portugal).<sup>25</sup> Concorreu a Presidente da República, em 1925, acabando derrotado a favor de Bernardino Machado. Ainda assim, foi ainda ministro interino da Justiça de 11 a 18 de Abril de 1928.<sup>26</sup> Teve ainda outros cargos políticos cuja seriação e listagem deixamos para mais tarde. Esteve até 28 meses no Ministério dos Negócios, fazendo o relato da actividade, em 1929, sob o título *Vinte e oito meses no ministério dos negócios estrangeiros* (Livraria Clássica Editora, 1931, Lisboa).

---

<sup>22</sup> SHORTER, E., & FINK, M., *Endocrine Psychiatry – Solving the Riddle of Melancholia*, Oxford University Press, 2010, p. 18.

<sup>23</sup> RODRIGUES, J. J., *A secção fotográfica ou artística da Direcção Geral dos Trabalhos Geodésicos no dia 1 de Dezembro de 1876*, Typografia da Academia Real das Ciências, Lisboa, 1878, p. 10.

<sup>24</sup> SOCIEDADE DE MEDICINA E CIRURGIA DE SÃO PAULO, *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*, Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz. Arquivo disponível em <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/P/verbetes/socmedcirsp.htm>, consultado em 11 de Abril de 2010.

<sup>25</sup> CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO JOÃO DA MADEIRA, Decreto n.º 12 456, de 11 de Outubro de 1926. Arquivo disponível em <http://www.cm-sjm.pt/153>, consultado em 11 de Abril de 2010.

<sup>26</sup> MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, *Portal da Justiça – História do ministério*. Arquivo disponível em [http://www.mj.gov.pt/sections/o-ministerio/historia-do-ministerio/ministros-da-justica-de/downloadFile/attachedFile\\_f0/MinistrosJUSTICA.pdf?nocache=1147284368.91](http://www.mj.gov.pt/sections/o-ministerio/historia-do-ministerio/ministros-da-justica-de/downloadFile/attachedFile_f0/MinistrosJUSTICA.pdf?nocache=1147284368.91), consultado em 11 de Abril de 2010.

Em síntese, José Júlio Bettencourt Rodrigues (filho), como se viu, um berço familiar adequado para o que viria a ser um professor de química predisposto a abraçar uma atitude basicamente experimental no ensino e também uma actividade cultural multifacetada. Recordemos que o seu pai desenvolveu um carácter experimental na sua acção pedagógica docente de química inorgânica e orgânica na Escola Politécnica de Lisboa. A introdução das aulas prática, estruturadas com programas e manuais inovadores deve-se a ele, onde todos os alunos tinham de realizar actividades práticas laboratoriais. Sob a sua direcção, passou a exigir-se aos alunos a verificação experimental dos resultados e que estivessem preparados para aplicar à investigação ou à indústria os conhecimentos adquiridos. A sua ligação ao Brasil resultou, muito provavelmente, do envolvimento do seu pai e do seu tio António Maria de Bettencourt Rodrigues naquelas terras.

### 3 – Os anos de formação

#### 3.1 – Os anos de Coimbra

Tendo José Júlio de Bettencourt Rodrigues sido estudante da Universidade de Coimbra, torna-se importante investigar a sua passagem pela cidade. Para nos esclarecer, em *Silhuêtas e Visões – Figuras, Estudos e Evocações* encontramos os temas: Guerra Junqueiro - O visconde de Santo Thyrsó - A figura, a casa e o meio de Ruy - Meu Pae - Ida Roubine, a nihilista - À porta do Garnier - A Coimbra do simbolismo - Conversa com a morte - O crime do grande marquez - A Europa louca - A illusão da materia - Na arcadia - A reabilitação do absurdo.<sup>27</sup> A sua perspectiva autobiográfica revela a sua fragilidade cultural como resultado da vida de estudante universitário ao escrever: “entalado no restrito meio, mais do que calmo, estagnado, de Coimbra, os ecos dessa personalidade (Wagner) tinham chegado até mim, singularmente desfigurados pelos prismas vários das interpretações, quer literárias, quer pitorescas”.<sup>28</sup>

Apesar de se afirmar como desconhecedor da técnica de executante musical, contudo, sabemos a partir da forma como em 1895 n“uma noite em Bruxelas, em pleno inverno, por um ataque de melancolia nostálgica que nos acomete a miúdo, quando algumas centenas de léguas nos separam da terra que nos viu nascer, entrei por desfastio na Opera”.<sup>29</sup> E nessa noite dormiu “no seio de uma orquestração ideal de mil tonalidades confusas e sonhadoras e na manhã seguinte, creio que acordei Wagneriano”.<sup>30</sup>

José Júlio Rodrigues viveu a Coimbra do simbolismo, onde pontificavam António Nobre e Eugénio de Castro e outros como Carlos de Lemos, Fausto Guedes Teixeira,

---

<sup>27</sup> RODRIGUES, J. J., *Silhuêtas e visões – Figuras, estudos e evocações*, Recife, Revista da Cidade, 1927. Arquivo disponível em <http://www.worldcat.org/title/silhuetas-e-visoes-figuras-estudos-evocacoes/oclc/42884739>, consultado em 13 de Julho de 2010.

<sup>28</sup> RODRIGUES, *idem*, 1898, p. 88.

<sup>29</sup> RODRIGUES, *idem*, 1898, p. 87.

<sup>30</sup> RODRIGUES, *idem*, 1898, p. 93.

Luís Guimarães, Teixeira de Pascoais e Tomaz de Noronha. Havia, então, um ambiente de euforia onde o *footing* coimbrão se fazia na estrada da Beira e a discussão nefelibata na Calçada, nos Gerais, nos cafés da Sofia. Era, então, figura activa na militância cultural Bernardino Machado e o poeta Eugénio de Castro interpretava magistralmente o Rei Galaor. Conta que tinha vindo há pouco da Bélgica, onde tinha estudado música e química, e que em Coimbra, Wagner, talvez por influência dele, tinha sido adoptado pelos novos como músico do Simbolismo. Tinha publicado já *A Música de Wagner* e recebido um cartão de Cosima Wagner mandado de Bayreuth sobre esta sua obra.

Com Luís de Albuquerque, criou o romântico grupo do Santo Graal que tinha sede no seu quarto, atravancado por um cansado piano e aí se fizeram muitos concertos com execuções imperfeitas. Também nos conta como nas três ou quatro livrarias de Coimbra onde chegavam tanto as obras de fundo como as novidades, havia: “rapazes barbados e ponderosos, com o ar precoce de velhos pensadores, transitavam familiarmente de Comte a Spencer e Schopenhauer a Hartmann”.<sup>31</sup>

### 3.2 – Bruxelas

Pelo meio, morou em Bruxelas por duas vezes, entre 1895-1898 e 1907-1908, vivendo aí o ambiente revolucionário do final do século XIX e nos inícios do século XX. Privou com muitos revolucionários russos, conhecendo de perto o ambiente em que Lenine se tornou marxista e a nihilista Ida Roubine, com quem conviveu. Este encontro deve ter sido em 1908, quando esteve aí em missão de estudo, uma vez que escreve que era missionado do governo. Conta, então, que “muitas vezes, ao lado do meu filho pequeno, meu único companheirinho, que dormia no grande leito do meu aposento, nós conversávamos até tarde da noite”.<sup>32</sup> Fala assim de um filho cujo rasto se perdeu. De facto, após a identificação do seu nome Germano, foi possível detectar a presença de um Germano Bettencourt Rodrigues, no Brasil, que era em 1933 o responsável pela contabilidade da Companhia Usina do Outeiro, afirmando-se que em 28 de Maio era o chefe de escritório da sua sede<sup>33</sup>, actuando logo em Agosto de 1933 como 1.º secretário da assembleia de accionistas.<sup>34</sup> Teria cerca de 29 anos de idade.

José Júlio Rodrigues mostra-se um admirador da revolucionária Ida Roubine, que sofreu a fuga, o exílio e a pobreza, e que tinha como característica a aristocracia mental, que contrastava com o seu individualismo aristocrático, realçando: “nela havia de facto o formidável contraste entre o plano de vida desmesurado, de alma amadurecida pelo sofrimento, e a fragilidade de um corpo todo grácil e feminino. E era bem esse mesmo contraste que todos sentiram ao defrontar Lenine – o Czar Vermelho, - entre a dureza mongólica e teimosa do crânio voluntário, e a doçura incedível dos olhos cândidos e profundos, transbordantes de confiança e luz!”<sup>35</sup>

<sup>31</sup> RODRIGUES, *idem*, 1930, p. 130.

<sup>32</sup> RODRIGUES, *idem*, 1930, p. 230.

<sup>33</sup> <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/2104179/dou-secao-1-28-05-1932-pg-58>, acesso em 16 de Junho de 2010.

<sup>34</sup> In <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/2135722/dou-secao-1-09-08-1933-pg-59>, acesso em 16 de Junho de 2010.

<sup>35</sup> RODRIGUES, *idem*, 1930, p. 238.



Antes, em 1895, em *Resistência*, um jornal republicano coimbrão dirigido por Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, partilhou durante algum tempo com este a coluna sobre literatura e arte. É onde fala de donzelas e cavaleiros andantes, com o subtítulo *Ceci Tuera Cela!*, e dedica-o a M...<sup>36</sup> Alguns dias mais tarde, em 21 de Abril de 1895, conta a fuga de um chefe de uma revolução falhada, após a matança dos seus soldados, onde é sublinhada a existência de “um pobre e obscuro operário”. Enceta assim um folhetim com o título genérico *Scenas de Revolta*<sup>37</sup>, que termina logo a 28 de Abril.<sup>38</sup>

A sua vivência em Bruxelas durante alguns anos, provavelmente de 1895 a 1898, torna-o partidário convicto de uma ruptura com a cultura burguesa, que critica e pretende ultrapassar. Homem de ciência, não deixa de ter experiência com o mundo do espiritismo e das premonições, que faz situar no Rio de Janeiro. Há até casos complicados como a morte de uma criança por razões desconhecidas mas que esta explica numa sessão espírita aonde “comparece”. Relata ainda que: “numa noite coimbrã, numa casa velha do Palácios Confusos, depois de uma mórbida audição de Chopin, achávamo-nos em volta de uma mesa, eu e dois companheiros, à espera que se manifestasse algum espírito condescendente. A breve trecho a mesa acusou a insólita presença do Catão (o do delenda Carthago)”.<sup>39</sup> Fala com ele e descreve uma conversa que justifica a descrença em qualquer religião, mas por outro lado, conta-nos as histórias de Santa Teresinha de Jesus, em que esta salva da morte inúmeros combatentes da Grande Guerra, que transviados e alucinados se aproximam das linhas inimigas onde seriam mortos. Reencaminhava-os para um local onde ficavam a salvo. Identificava-se então pedindo que rezem por ela em Lisieux (1930).

Por tudo isto, e apesar ou por causa do espiritismo, acredita que “Deus vive no centro de um mundo *todo realizado*, com sobreposição total do Passado, Presente e Futuro...”.<sup>40</sup> Junta o espiritismo com a ciência e faz o que designa por reabilitação do absurdo, pois esvazia muitas teorias científicas de significado, adiciona-lhe a revolução social que transformou a cegueira do século XIX num século XX de revindicta e de lucidez, mandando a burguesia varrer as ruas de Moscou, dizendo com ironia que: “através da perda de milhões de vidas e do gasto de milhões de inteligências, o homem conquista o direito triunfal e amargo de voltar ao ponto de partida!”.<sup>41</sup>

### 3.2 – UMA FORMAÇÃO DE ESTETA ENTRE A CIÊNCIA E A PSICOLOGIA

Curiosamente, na bibliografia apresentada em 1913, José Júlio Rodrigues não refere um pequeno artigo publicado no Boletim da Associação do Magistério

---

<sup>36</sup> *Resistência*, ano 1, 18 de Abril de 1895. n.º 17, p. 3, col. 1.

<sup>37</sup> *Resistência*, ano 1, 21 de Abril de 1895. n.º 18, p. 3, col. 1.

<sup>38</sup> *Resistência*, ano 1, 28 de Abril de 1895. n.º 20, p. 3, col. 1.

<sup>39</sup> RODRIGUES, *idem*, 1930, p. 70.

<sup>40</sup> RODRIGUES, *idem*, 1930, p. 77.

<sup>41</sup> RODRIGUES, *idem*, 1930, p. 87.

Secundário Oficial de que foi feita uma separata: *O Paço Episcopal de Lamego* (Porto, Tipografia a Vapor da Empresa Literária e Tipográfica, 1908). Nele trata, com maestria, o espólio da Sé de Lamego, que fotografou, surgindo junto a um pano de Arrás numa fotografia do cônego Vítor Oliveira. Iconoclastamente, defende que a nossa arte é tributária da arte estrangeira, reduzindo-a a simples adaptação de modelos externos que indica e em que conclui que não há nenhuma escola artística que seja mesmo nossa. Explica-o dizendo que Grão Vasco, pela pintura que fez, é um gótico flamengo indiscutível, Salgado é um francês da escola clara de Bourgeois, Columbano é um espanhol com uma mescla de Bonnat e Carlos Duran, Malhoa é um bretão de rir mais meridional e que o Rei D. Carlos “que é um pastelista exímio é um bom exemplar da escola paisagista de Barbisson e Fontainebleau”. Mostra na sua argumentação como absorveu não só a ciência química e física belga, mas também toda a metodologia artística que muito tem a ver com a construção das cores, usando assim de forma prática a química e a física.

No seu esboço de uma Filosofia de Arte indica que escreveu e publicou em 1898 um livro de 415 páginas sobre *A Música de Wagner*.<sup>42</sup> Trata-se, na verdade, de um estudo profundo da música wagneriana embora desde logo em nota prévia José Júlio Rodrigues afirme: “para os ignorantes, que são muitos e em geral para todos aqueles que não compreendem que alguém possa emitir reflexões sobre música Wagneriana, sem conhecimentos musicais profundos e sem foros de executante, eu indico a abrigar e escudar o meu nome, o de um dos maiores críticos teatrais da Europa, o grande poeta e contista francês Catulle Mendés<sup>43</sup>, que publicou sobre a obra de Wagner um livro de 290 páginas, onde se não encontra uma única reflexão técnica ou uma nota musical. Como explicação disto direi apenas que esta obra é essencialmente dramática e filosófica”.<sup>44</sup>

Embora reforce esta ideia, dizendo que não é “um músico versado nos segredos mais íntimos do contra-ponto, ou um executante possuidor de mil *trucs* da técnica da técnica musical”<sup>45</sup>, é um analista das emoções psicológicas, d’“os mil arrebatamentos estáticos, que nos oferecem à alma a plena inteligência e a compreensão íntima da obra Wagneriana”.<sup>46</sup> Na verdade, está marcado pelo simbolismo de Baudelaire via Verlaine, aderindo a uma arte “essencialmente progressiva visto marchar para a mais refinada espiritualização, mas profundamente anti-civilizadora e antes de mais nada, era isto que eu queria assinalar, humana, vivida por cada um que a ouve, *nossa*, se posso dizer assim, construída *da essência das emoções*, eis a razão por que ela a todos nós os que a ouvimos, nos entra a fundo no espírito, nos desnorreia, nos arrebatava, nos enleva, nos faz sofrer, nos comove, nos assombra”.<sup>47</sup> Nesta opção

---

<sup>42</sup> Mostrando a sua valia, esta obra foi reeditada em 2009 pela Kessinger Publishing, LLC.

<sup>43</sup> Catulle Mendés (n. 22 de Maio, 1841 – m. 8 de Fevereiro de 1909) era um poeta francês que tinha ascendência portuguesa de origem judaica e tinha nascido em Bordéus. Cf. [http://en.wikipedia.org/wiki/Catulle\\_Mend%C3%AAs](http://en.wikipedia.org/wiki/Catulle_Mend%C3%AAs), consultado em 26 de Maio de 2010.

<sup>44</sup> RODRIGUES, *idem*, 1898, p. 6.

<sup>45</sup> RODRIGUES, *idem*, 1898, p. 7.

<sup>46</sup> RODRIGUES, *idem*, 1898, p. 9.

<sup>47</sup> RODRIGUES, *idem*, 1930, p. 82.

simbolista e nefelibata sintoniza-se com as correntes literárias em voga em Coimbra, que também são as que os brasileiros seguem.<sup>48</sup>

José Júlio Rodrigues está bem preparado para nos levar a conhecer as emoções que sentiu no drama musical Tannhäuser nos seus três actos, prossequindo o estudo com Lohengrin e terminando-o com Walkiria. É onde usa um método científico, pois, quanto ouve e lê opiniões alheias, procura sempre confirmá-las pela observação. Sabemos através da forma como o faz pois memoriza as críticas para na observação as conferir com o que vê. Contudo, bom conhecedor das suas limitações, afirma no final que “a outro, não leigo em música, cabe a missão de desvendar os complexos mistérios das suas maravilhas orquestrais”.<sup>49</sup>

Mostra-se bom conhecedor do que impede a “raça inteligente, espontânea, sensível, nervosa...” que somos. E a razão é porque nos falta:

aquilo que Taine chama o *meio* por excelência, a conveniente estufa de equilibrada e regulada temperatura, indispensável ao cumprimento de todas as promessas que encerram esses milhares de botões em flor. Falta o meio, porque faltam educadores! Porque falseada a compreensão da existência e dos deveres do homem na terra, a nossa geração de dirigentes não entende o modo de desbravar os caminhos da floresta da vida diante de uma Mocidade impaciente que, encarreirada erradamente numa mesma estrada de monotonia, vai quebrando os alentos nas dificuldades, até surgir por fim à luz, transmutada numa anemia escoria, incapaz e inerte, tanto para as claridades severas dos Palácios de Arte, como para a incumbência cheia de responsabilidades, do salvamento e da Direcção de um País. Falta o meio, porque hoje no grande mundo burguês de Portugal, uma meta simboliza a aspiração total de um futuro: o *Bacharelato*.<sup>50</sup>

José Júlio Rodrigues propõe por isso um escudo que proteja as “mil aptidões diversas” que todos os anos encham as escolas e que não se afirmam por lhes faltar tenacidade, que sobram às raças do norte que monopolizaram esta qualidade, “e que por isso depressa se sufocam, magoadas de encontro às mil arestas do dever escolar, de ciências mais ou menos áridas, antipáticas muitas vezes, insuportáveis algumas!...” Conclui então que “somos neste ponto os homens da pedra da Europa d’hoje”.<sup>51</sup> Preconizando que a família deve apoiar o desenvolvimento dos seus filhos vocacionados para a Arte, criando assim “o terreno a contar para o futuro rebento de grandes Portugueses!”.<sup>52</sup> E revolucionariamente, conclui:

e assim, quando a nossa burguesia pensar de outra forma, quando o Artista para ela, deixar de ser um aborto desequilibrado, para ser o que é, um homem que vive muitos

---

<sup>48</sup> DINIZ, A. A., Olhares Cruzados, VII Congresso Luso Brasileiro de História da Educação, Porto, 22 de Junho de 2008.

<sup>49</sup> RODRIGUES, J. J., *A música em Wagner*, J. Bastos, 1898, p. 411.

<sup>50</sup> RODRIGUES, J. J., *idem*, 1898, p. 402.

<sup>51</sup> RODRIGUES, J. J., *idem*, 1898, p. 403.

<sup>52</sup> RODRIGUES, J. J., *idem*, 1898, p. 408.

pés acima da massa, qualquer, que acorde uma manhã com uma manhã com uma vocação decidida de vir a ser Músico, de imitar ou de seguir Wagner ou Beethoven, ao ir notificar aos papás a sua resolução, encontrará em cada um um sorriso carinhoso, a irmã mais velha docemente o beijará numa carícia muda de felicitações e ao sair em busca de grandes Destinos, a voz dos Educadores, longe de o crivar de oposições e de preconceitos, ainda o seguirá, impelindo-o num varonil e nobre amparo: vai...meu filho...vai!...<sup>53</sup>

No *Esboço de uma Filosofia de Arte*, conferência realizada na Associação de Jornalistas (pela Liga de Educação Estética), existe um retrato do autor desenhado à pena por Ernesto Korrodi<sup>54</sup>, que deve ter conhecido na sua passagem por Leiria. Na verdade, a publicação é de 1910 e é feita pela Livraria Clássica Editora. O facto de ter vivido em Leiria leva-o a tomar contacto com as grandes figuras da cultura local como é Afonso Lopes Vieira, a quem oferece o exemplar que se encontra na Biblioteca Municipal de Leiria com uma dedicatória a este poeta. O mesmo fazia o seu tio, irmão do pai, o médico António Maria de Bettencourt Rodrigues.

Marcado por Freud, José Júlio Rodrigues parece, na sua estética, procurar fazer a anatomia da emotividade humana, reencontrando na obra de arte a expressão social das emoções de cada época, entendida como limite da racionalidade historicamente possível, servindo para nelas encontrar o significado da obra de arte que para ele é historicamente determinado pois nela se retrata o espírito da época. Procura distinguir bem o que é o consciente como superfície onde impera o racional e a lógica e a profundidade, ou seja o inconsciente, onde predomina a religiosidade e o terror de não ser. Divaga investigando sobre estes temas, procurando encontrar algo que lhe permita classificar artistas e obras de arte, concluindo assim pela:

1.º Transposição da noção de Belo absoluto das regiões meramente metafísicas, para o campo restrito da pura espiritualidade nervosa.

2.º Degradação dos fins da Obra de Arte à mera busca do maior e mais largo abalo da zona ilógica da personalidade.

3.º Predomínio fatal e crescente do Inconsciente sobre a Lógica, a ditar o *Impulsivismo* e a entibiar até o livre arbítrio da personalidade criadora.

4.º Sugestão crescentemente corrosiva da Obra de Arte por movimento progressivamente maior e mais frequente da autonomia última do sistema nervoso, entreabrindo a cada passo os portais fronteiros da Loucura.

---

<sup>53</sup> RODRIGUES, J. J., *idem*, 1898, p. 410.

<sup>54</sup> Ernesto Korrodi nasceu em Zurique, a 30 de Janeiro de 1870. Em 1888, concluiu o curso de escultor-desenhador e de professor de desenho, concorrendo a um lugar de professor de desenho, leccionando entre 1889-1894 na Escola Industrial de Braga e, em 1894, é transferido para a Escola Industrial Domingos Sequeira, em Leiria, onde virá a falecer em 3 de Fevereiro de 1944 como arquitecto e desenhador de prestígio. Cf. ARQUIVO DISTRITAL DE LEIRIA, <http://www.adleiria.pt/main/index.php?p=74>, consultado em 30 de Março de 2010.

Esta Estética, talvez desconsoladora é, creio-o firmemente, hoje, a única possível. Na Arte como na Vida passou a asa sombria do desalento e do pessimismo.<sup>55</sup>

#### 4 – Uma pequena biobibliografia

José Júlio Rodrigues era um homem multifacetado, trata tanto temas científicos, como de arte musical e pintura, contribui desta forma para a ligação de Portugal aos movimentos artísticos da Europa tanto como aos da pedagogia científica. Como veremos, esteve por diversas vezes na Bélgica e na França, sendo aí que se formou esta sua capacidade de ser competente em diversos campos do saber.

##### 4.1 – Pedagogia da Ciência Experimental – Química e Física

Em Setembro de 1912, na pequena nota biográfica contida no volume 1 de *A Química Prática dos Liceus* (p. 1), informa que é professor efectivo de química dos Liceus de Lisboa, Antigo Reitor, Director da instalação química do Liceu Camões, antigo químico analista da Escola Central de Agricultura, secretário e vogal da comissão de reforma de Instrução Secundária, com serviços de membro de júri de concurso para professores liceais de química e de presidência de exames de saída do curso complementar dos Liceus (ciências). De facto, foi transferido para o Liceu Camões, onde foi secretário interino logo a seguir ao 5 de Outubro, mas por decreto de 30 de Janeiro de 1911, publicado em 2 de Fevereiro de 1911, vai deixar este cargo pois o governo nomeou secretário efectivo deste liceu, António Policarpo das Neves, que toma posse em 6 de Fevereiro de 1911.<sup>56</sup>

##### 4.2 – Obra publicada

José Júlio Rodrigues começa em 1911 a publicar livros didácticos, iniciando por um *Tratado Elementar de Física*, concluído em Setembro desse mesmo ano, destinado aos 4.º e 5.º anos dos liceus portugueses e dos ginásios brasileiros. Foi editado pela Livraria Clássica Editora, nesse mesmo ano de 1911. Em 1913, no seu livro *Elementos de Física*, que prefacia em Maio, lista já as seguintes obra publicadas:<sup>57</sup>

---

<sup>55</sup> RODRIGUES, Esboço de uma Filosofia de Arte, Conferência realizada na Associação de Jornalistas (pela Liga de Educação Estética), Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1910, p. 45.

<sup>56</sup> *Arquivo do Liceu Camões*, Auto de Posse de António Policarpo das Neves.

<sup>57</sup> De acordo com a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (vol. XXV, p. 932), escreverá ainda *A Deficiência da Expressão Lógica como Dístico da Arte Moderna: esboço comprovativo na poesia, na pintura, na musica e no teatro* (Livraria Ferreira, Lisboa 1912); *Silhuetas e Visões*, Revista da Cidade, (Recife 1927, 242 pp., com outra edição em Faro de 340 pp.) Editor, Armelim Cácia, que existia na

- *O ensino das ciências na Bélgica* (Relatório de uma missão de Estudo, publicado no *Diário do Governo* – 26 fototípias), 1909.
- *Um tipo de instalação prática de ciências* (com plantas e fototípias – no Anuário do Liceu de Leiria), 1910.
- *Anuário do Liceu de Leiria durante a Reitoria do Autor*, 1910.
- *Esboço de um projecto de reforma do ensino secundário português* (em colaboração com o Dr. Acácio Guimarães)<sup>58</sup>, Livraria Ferreira, Lisboa, 1911. Deste opúsculo há um exemplar na Biblioteca Oliveira Lima.
- *Esboço de uma Filosofia de Arte*. Conferência realizada na Associação de Jornalistas (pela Liga de Educação Estética), 1 vol. 1911.
- *Tratado elementar de Física* (para o 4.º e 5.º anos portugueses e dos primários brasileiros), 1 vol., com 622 pp. e 498 gravuras, 1911.
- *A Química prática dos Liceus* (Curso completo elementar, para uso dos alunos da 3.ª, 4.ª, 5.ª, 6.ª e 7.ª classes do Curso dos Liceus Portugueses), 3 vol. in 16º, ilustrado com numerosas gravuras, 1912, Livrarias Aillaud e Bertrand, Paris e Lisboa, e Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, S. Paulo e Belo Horizonte, 1913.
- *Curso Elementar de Química Geral*, 3 Volumes.
- *Introdução teórica ao estudo da Química sob um ponto de vista elementar*, Livrarias Aillaud e Bertrand, Paris e Lisboa, e Rio de Janeiro, S. Paulo e Belo Horizonte. Livraria Francisco Alves, 1913.
- *Tratado de Química mineral inorgânica*.
- *Tratado de Química orgânica*.
- *Elementos de Física*, Livrarias Aillaud e Bertrand, Paris e Lisboa, e Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, S. Paulo e Belo Horizonte 1913.

Em todos estes livros está bem patente a vontade de mostrar que está bem dentro dos problemas pedagógicos brasileiros. Consideramos, por isso, como natural que vá para o Brasil em 1913 ou 1914, pois tinha andado a preparar-se.

---

Biblioteca Municipal de Coimbra; *Ensaios de Moral e Estética* (Recife, 1931); *Contos e Novelas* (Ed. Educação Nacional, 1940, 87 pp.); *Na Índia – cenários e evocações*. Sabemos, ainda, que há panfletos na Biblioteca Oliveira Lima em Washington, como o *Abertura na sua sede provisória do Externato e Escola de Altos Estudos, Educar para a Vida* (Rio de Janeiro, Gomes Pereira, 1913); o *Plano, regulamento e regimen de admissão do 1.º Instituto de Educação Moderna: para o ensino médio masculino* (Rio de Janeiro: Pap. Sol, Costa Nunes, 1913); e ainda *A evolução, a eficiência e a grandeza do Liceu Literário Português* (1948).

<sup>58</sup> Era Reitor do Liceu Camões em 1911 e deu posse de secretário efectivo do Liceu a José Júlio Bettencourt Rodrigues.

No final da sua vida, temendo as consequências da guerra e das miragens que criou em torno do volfrâmio, escreve sobre a degradação da vida social, que esta actividade mineira gera no seu cortejo de indignidades e de queda dos que acreditaram na fortuna que esta “*Pedra do Demónio*” iria fazer surgir e desaparecer subitamente, criando desta forma renovadas misérias morais. Mostra como está atento aos problemas que a guerra fez surgir com as compras de matérias-primas necessárias ao esforço de guerra, cuja procura desapareceu com o fim deste conflito mundial em 1945.

## 5 – O professor e o Reitor

Vamos agora analisar, sucintamente, os vários passos da sua vida conjugando as informações contidas em *O Brasil... de relance*, em 1941 (pp. 167-175) e em *Comentários do Prof. Dr. José Júlio Rodrigues às lições proferidas durante o ano lectivo de 1947* em 1948 (pp. 52-58).

### 5.1 – Coimbra

José Júlio Rodrigues leccionou em 1898 em Coimbra no Colégio Académico, situado na Rua Ferreira Borges, 132, 1.º andar, um curso de “Prática de Leitura, escrita e conversação Francesa” das 17 às 18:30 h. Era apresentado no anúncio como alguém que chegou há pouco de Paris e Bruxelas, onde tinha estudado. Pouco depois, no mesmo anúncio, pormenoriza-se esta apresentação dizendo: “O Sr. José Júlio Rodrigues, além do conhecimento prático do francês, que falou durante dois anos na respectiva nação, tem, por herança e esforço próprio, os mais subidos dotes de inteligência e vocação para o ensino”.<sup>59</sup>

Em Coimbra foi químico analista da Escola Central de Agricultura de Coimbra durante o ano de 1900. Estranhamente, nada se diz sobre o seu trabalho de químico-analista nesta Escola. De facto, é difícil e por agora impossível penetrar nos arquivos desta Escola. Encontrámos apenas dois exemplares do *Tratado Elementar de Física* de 1911, um adquirido em 20 de Fevereiro de 1913 e outro em 23 de Maio de 1935. Pensamos que deve ter feito nesta escola um ano de serviço.

Através da consulta do *Diário do Governo*, sabemos que em 1900 era professor auxiliar nesta Escola, Jacinto de Bettencourt<sup>60</sup> que pode ter sido Jacinto de Sousa de Sant' Ana e Vasconcelos Moniz de Bettencourt, nascido em Moçambique em 1870 e falecido em 18 de Junho de 1920.<sup>61</sup> Também neste ano são admitidos 27 candidatos como alunos porcionistas que terão de se apresentar em 11 de Novembro de 1900.<sup>62</sup>

### 5.2 – Angra do Heroísmo

---

<sup>59</sup> *Resistência*, ano 3, 2 de Janeiro de 1898. n.º 299, p. 3, col. 3.

<sup>60</sup> *Diário do Governo*, n.º 190, p. 2392, coluna 3, 25 de Agosto de 1900.

<sup>61</sup> GENEALL, Jacinto de Sousa de Sant' Ana e Vasconcelos Moniz de Bettencourt, Geneall.pt. Arquivo disponível em [http://www.geneall.net/P/per\\_page.php?id=24006](http://www.geneall.net/P/per_page.php?id=24006), consultado em 18 de Junho de 2010.

<sup>62</sup> *Diário do Governo*, n.º 249, p. 3169, coluna 1, 3 de Novembro de 1900.

Durante o ano de 1901 José Júlio Rodrigues estreia-se como professor efectivo no Liceu Nacional de Angra do Heroísmo do 6.º grupo, que era então das ciências físicas e naturais. Na versão portuguesa de *Silhuetas e Visões*, transcreve-se o prefácio da versão brasileira através do qual se afirma a sua vertente artística e científica para afirmar que se tornou conhecido a partir do concurso com que ganhou a cadeira de química e história natural no Liceu de Angra do Heroísmo nos Açores. Naturalmente, e talvez por modéstia excessiva, não se refere que já tinha publicado um livro sobre música. Este concurso foi realizado no liceu central de Lisboa, de acordo com a lei em vigor de 28 de Maio de 1896 e cumprindo o regulamento de 14 de Agosto de 1895, conforme decretado em 24 de Janeiro por Hintze Ribeiro.<sup>63</sup> Será publicado no Diário do Governo em 4 de Fevereiro de 1901 (pp. 341-342). Em 23 de Março de 1901 é nomeado precedendo concurso professor do Liceu Nacional de Angra do Heroísmo.<sup>64</sup> Fará aí um ano de serviço.

### 5.3 – Lamego

Conforme o *Anuário do Liceu Nacional de Lamego de 1908-1909* (p. 8), e conjugando as informações aí contidas com as constantes no seu processo individual<sup>65</sup>, José Júlio de Bettencourt Rodrigues, foi nomeado professor do 6.º grupo do Liceu nacional de Angra do Heroísmo por decreto 1902. Esta informação está, contudo, errada, uma vez que fora aí colocado em 1901. Na verdade, foi transferido para um lugar do mesmo grupo do liceu de Lamego por decreto de 27 de Fevereiro de 1902, publicado a 8 de Março de 1902, 2.ª série, com visto de 5 de Março desse mesmo mês e ano, entrando em funções no dia 11 de Março de 1902. Foi nesse dia que tomou posse do lugar de professor efectivo do 6.º grupo<sup>66</sup>. Consultado, o Diário do Governo ficamos a saber que na verdade trocou com José Augusto dos Santos, já este foi colocado no Liceu de Angra de Heroísmo.<sup>67</sup> Mais tarde foi transferido para o liceu nacional de Leiria por decreto de 6 de Maio de 1909. Fez, portanto, 7 anos de serviço em Lamego embora estivesse ausente na Índia e em Bruxelas.

Curiosamente, no ano lectivo de 1904-1905 desapareceu no dia 9 de Junho conforme está registado no seu processo individual. Esta informação é confirmada pela inexistência de sumários a partir dessa data no livro de ponto desse ano lectivo. Foi quando nasceu o filho Germano fora do seu casamento.

Começou a trabalhar em Lamego em Abril de 1902, pois está na sessão de 15 de Abril de 1902 da turma da 1.ª classe, mas não assina a acta, mas está noutras reuniões em 15 de Abril de 1902, tal como consta do livro de actas da 5.ª classe e da 4.ª classe. É provavelmente o resultado das duas reuniões se realizarem à mesma

<sup>63</sup> *Colecção Oficial de Legislação Portuguesa*, ano de 1901, p. 12, Imprensa Nacional, 1902.

<sup>64</sup> *Diário do Governo*, n.º 66, p. 784, coluna 2, 23 de Março de 1901.

<sup>65</sup> *Arquivo da Escola Secundária Latino Coelho*, que incorporou o Arquivo da Escola de Almaceve, Lamego, processo individual, 6.º grupo.

<sup>66</sup> MESQUITA, H. A., *Liceu de Lamego*, Edições Crisos, Lamego, p. 164, 1943.

<sup>67</sup> *Diário do Governo*, n.º 54, p. 677, coluna 3 e p. 678, coluna 1, 8 de Março de 1902.



hora. Está no dia seguinte na sessão de 16 de Abril de 1902 da 3.<sup>a</sup> classe. São reuniões destinadas, essencialmente, ao apuramento das notas de habilitação literária, procedimento e frequência dos alunos desta classe relativos à seguinte quinzena do respectivo mês, sendo os resultados lançados no livro respectivo. Serviam para ser feita a distribuição do serviço para a quinzena seguinte dos docentes da turma da 3.<sup>a</sup> classe, onde era director de turma (Manoel da Silva) Quintella, estando presentes os professores (Belchior d'Albuquerque) Barata, (Francisco David) Calder, (António Carlos de) Freitas Silva, Balthazar (de Almeida Teixeira), (José Júlio) Bettencourt (Rodrigues) e (Luiz José Teixeira) Nápoles. Bettencourt também não assinou a acta. Não esteve na sessão de 1 de Maio de 1902, mas foi à sessão de 16 de Maio de 1902 que tinha a seguinte distribuição relativa às Ciências Naturaes: repteis e aves. Na sessão de 16 de Junho de 1902, como programa para as SN temos o tema “Botânica: exercícios práticos e princípios de classificação de plantas. Famílias”.<sup>68</sup>

Em 4 de Fevereiro de 1903, José Júlio de Bettencourt Rodrigues fez a proposta de mudar a Biblioteca para a Sala do Conselho e facultar a sua frequência aos alunos.<sup>69</sup> Em 9 de Maio de 1904 o Reitor propõe um voto de louvor ao professor de Ciências Naturais Bettencourt e aos alunos Gaspar Ribeiro Pinto Bacelar, Álvaro Augusto Diniz da Costa, Manuel Loureiro de Paiva Júnior, que vem a ser em 1943 o Major Paivinha, Anacleto Pinto da Cunha Paiva, Américo Pinto de Gama Leão e Henrique Cardoso Pinto por terem organizado e mandado imprimir o inventário da Biblioteca. Em 1 de Março de 1907 pergunta pela verba de 480\$00 que obtivera do governo em 1905. Foi-lhe respondido que 155\$00 tinham sido aplicados em mobília para o Liceu da qual se encarregara o marceneiro José Mendes Guerra. Mas, nada se diz sobre o destino do resto do dinheiro. Em 2 de Dezembro de 1908 lê o projecto de regulamento das excursões escolares. Em 5 de Fevereiro faz uma representação ao governo sobre as instalações do Gabinete de Física, achando-se em estado de deficiência manifesta que foi aceite por unanimidade pelo conselho escolar.

Em 9 de Abril de 2010 procurámos no catálogo do Liceu de Lamego os livros de José Júlio Bettencourt Rodrigues (pai e filho). Foram encontrados alguns, mas não estavam no seu lugar. Talvez estivessem já desaparecidos desde 24 de Julho de 1925, quando “o professor Afonso, bibliotecário desde Janeiro último, diz que os professores ainda não tinham apresentado a relação de livros que levaram para casa, excepto o professor Pinto de Lemos que a apresentou. Sem essas relações não se pode averiguar dos livros desaparecidos até à data. Considera, além disso, como desaparecidos os livros do catálogo organizado pelo Dr. Artur de Miranda, que não estão nas estantes nem figuram nas requisições”.<sup>70</sup>

### 5.3.1 – Índia

---

<sup>68</sup> *Arquivo da Escola Secundária Latino Coelho*, Livro de Actas da 3.<sup>a</sup> classe de 23 de Outubro de 1901 a 27 de Maio de 1936, ff 7-8.

<sup>69</sup> MESQUITA, H. A., *Liceu de Lamego*, Edições Crisos, Lamego, pp. 129-134, 1943.

<sup>70</sup> MESQUITA, H. A., *Liceu de Lamego*, Edições Crisos, Lamego, pp. 149-150, 1943.

José Júlio Rodrigues vai estar em comissão de serviço no liceu de Nova Goa, de 1 de Junho a 30 de Novembro de 1906. É, também, nomeado agora no regresso e em comissão membro de júris de concursos para professores liceais do Ultramar ao serviço do Ministério da Marinha. Relata esta sua experiência na Índia em 1943, quando de uma forma pouco precisa e muito solta descreve de forma quase poética. É por esta estar assente em pequenos flashes ou melhor impressões difusas com que descreve esta sua visão da Índia, dando-nos pelo meio a indicação da sua longínqua ascendências brâmane. Recorda, então, que se documentou num livro de Pyrad de Laval. Acrescenta que o recebeu de um bibliófilo de vulto e que o ofereceu à Sociedade de Geografia de Lisboa. Paralelamente informa-nos que é um exemplar em francês que foi usado por Cunha Rivara para o usar na tradução.

### 5.3.2 – O Pedagogo e Didacta das Ciências

Em 1907, faltou durante o mês de Outubro e esteve em comissão de estudo no estrangeiro desde 1 de Novembro de 1907 a 30 de Setembro de 1908. Deve ter tido um percurso profissional algo irregular pois se anota no seu processo em data posterior a 1931<sup>71</sup> que “não se faz a contagem do tempo total de serviço por haver dúvidas acerca do tempo que deve descontar-se”.

Tudo indica que estava a reformar-se, pois há preocupação de fazer a contagem do seu tempo de serviço. Deve ter sido pedida em 1944 quando pediu a reforma. De facto, em 1908 vai ser pensionista do Estado na Bélgica, onde, como sabemos, já tinha estudado. Vai agora para lá estudar como se faz o ensino das ciências, neste caso da Química.

Saiu de Lamego para Leiria como professor prestigiado, pois no congresso de 1909 da Liga Nacional de Educação, o pensionista da 8.<sup>a</sup> classe, José Júlio Bettencourt Rodrigues, professor do 6.<sup>o</sup> grupo do Liceu Nacional de Lamego falou na noite de 17 de Abril sobre o tema: *Bélgica – Ambiente e Ensino*. Para orgulho dos lamecenses o Relatório do seu estudo do ensino da ciência na Bélgica foi publicado no *Apêndice ao Diário do Governo*, n.º154, 25 de Abril de 1909. No ano seguinte, no decurso do II Congresso Pedagógico, promovido pela Liga de Educação Nacional, irá fazer uma conferência na noite de 17 de Abril subordinada ao tema *Bélgica – Ambiente e Ensino*. *Aí, para além de uma numerosa assistência,* estiveram a assistir o Director Geral da Instrução Secundária e Superior. Consiglieri Pedroso, Reis Santos e José de Magalhães *presidiram à sessão. Como foi um êxito, A Semana sugere logo que este professor faça várias conferências em Lamego visto ser um meio muito privado de ocasiões em que pode educar-se e instruir-se. Sabemos que afirmou no seu relatório que a química dos liceus deve ser “sobretudo e especialmente uma ciência de laboratório”, sublinhando “a extrema vantagem de habituar o estudante ao estranho prazer de chegar por si só a resultados precisos e concretos”.*<sup>72</sup>

<sup>71</sup> O documento não é datado.

<sup>72</sup> PINTASSILGO, J., *Imagens e Leituras da Educação Nova em Portugal. Relatórios de Bolseiros Portugueses em visita a instituições educativas europeias (1907-1909)*, Comunicação à *International*

Lamego conhecia as suas mudanças nas práticas lectivas, operadas a partir deste estágio. Em 27 de Fevereiro de 1909 anuncia-se nas páginas de *O Progresso* que irá descrever nas suas páginas os trabalhos que os alunos têm executado nas lições práticas sobre as ciências físico-químicas durante o ano lectivo de 1908-1909.<sup>73</sup> Explica aí que nas suas aulas “os alunos praticam por suas próprias mãos, o que em cinco palavras inclui, modéstia do professor à parte, uma pequena revolução pedagógica”. Explicita, depois, como obstáculo a esta inovação a desconfiança que os professores têm em relação à capacidade dos alunos, para justificar o prosseguimento e aplicação desta nova metodologia didáctica e por estar “côncio de que a massa intrínseca do aluno português não é inferior em poder de adaptação à de um aluno de outro país, resolvi ensaiar o processo que vi seguido pelo distinto professor Straetmans do Ateneu de Anvers, e não tenho que me arrepender. Assim, em cada corpo novo estudado na química, eu organizo uma série de experiências que os alunos depois repetem integralmente pelas suas mãos. Esta repetição e esta intervenção pessoal e directa do estudante dão os melhores resultados”.<sup>74</sup> Convém dizer que cada objecto é um elemento ou composto químico, restringindo aqui as experiências à química.

José Júlio Rodrigues refere aí que o equipamento laboratorial é pobre e foi comprado há quatro anos e que não houve desde então qualquer outra aquisição. Só há algumas inovações no mobiliário e em alguns pequenos detalhes. Prossegue a apresentação desta inovação pedagógica só em 27 de Março, porque Lamego está em polvorosa, estando a lutar pelo seu caminho-de-ferro, e o espaço disponível no jornal é todo para este problema. Explicita, então, as experiências sobre o cloro, o bromo, iodo, enxofre e potássio.<sup>75</sup> Esta sua prática inovadora é de facto bem clara como se nota no livro de sumários posterior a este estágio e até anteriormente.<sup>76</sup> Recordemos, contudo, as apreciações pedagógicas que fizemos sobre o seu pai, a propósito do ensino da química.

O tema aulas é interrompido. Fala-se só da conferência que deu no âmbito do segundo congresso pedagógico que já referimos. Sabemos aí qual foi o sumário:

o *ambiente*. O meio e as raças, correlações, germanos e latinos. Fronteiras linguísticas. Autonomismo e descentralização: complicações de organização. Elementos de diagnóstico tirados da Arte. Síntese do movimento intelectual belga.

O *ensino*. Linhas gerais da sua organização; a sua primeira alavanca, o professor e as suas prerrogativas; paralelo da sua situação moral e profissional com a do professor português. A intervenção do Estado; tutela, estímulos, recompensas, fiscalização. Fins e caracteres do ensino secundário. Elementos da formação de uma Pátria convencional.<sup>77</sup>

---

*Standing Conference for the History of Education – ISCHE 26*, Genève, Suíça, p. 53, 14 e 17 de Julho de 2004, Genève, Suíça.

<sup>73</sup> *O Progresso*, ano XXIV, n.º 1247, p. 1, colunas 2 e 3, Lamego, 27 de Fevereiro de 1909.

<sup>74</sup> *O Progresso*, ano XXIV, n.º 1248, p. 1, coluna 6 e p. 2, coluna 1, Lamego, 6 de Março de 1909.

<sup>75</sup> *O Progresso*, ano XXIV, n.º 1251, p. 2, colunas 3 e 4, Lamego, 27 de Março de 1909.

<sup>76</sup> ARQUIVO DA ESCOLA SECUNDÁRIA LATINO COELHO, *Livros de Sumários*, 1902-1932.

<sup>77</sup> *O Progresso*, ano XXIV, n.º 1254, p. 1, coluna 4, Lamego, 17 de Abril de 1909.

Por isso, os dois jornais de Lamego, *O Progresso* e *A Semana* vão pedir-lhe que faça o mesmo tipo de conferências na cidade.<sup>78</sup>

A continuidade das conferências quebra-se, pois pouco depois é transferido para o Liceu de Leiria. *A Semana* informa, então, que o seu relatório sobre a visita à Bélgica foi mandado publicar na folha oficial como prova da sua valia.<sup>79</sup> Logo acrescenta que o trabalho deste professor liceal sobre o Paço Episcopal, publicado no *Boletim do Magistério Secundário*, deu origem a uma bela separata que o revelam como “professor distinto, finíssimo artista e um literato de mérito». Ficam por isso a lamentar a sua partida.<sup>80</sup>

Transferido para Leiria, perdeu-se em Lamego a sua presença, sendo esta partida muito lamentada n’*A Semana*<sup>81</sup> e n’*O Progresso*.<sup>82</sup> Continuam a seguir o seu percurso profissional e dão-lhe os parabéns por em 13 de Dezembro de 1909 ter sido nomeado reitor do Liceu de Leiria.<sup>83</sup>

Quando partiu, tinha como colega António Carlos de Freitas Silva, que foi Reitor de 1908 a 1909, professor efectivo do 5.º grupo, por decreto de 26 de Março de 1908. Tinha sido nomeado, precedendo concurso, professor das disciplinas do 5.º grupo do liceu de Ponta Delgada por decreto de 8 de Junho de 1898; sendo transferido para idêntico lugar do liceu nacional de Lamego por decreto de 25 de Maio de 1900. Foi ainda transferido para o liceu central de Lisboa, 3.ª zona, por decreto de 4 de Janeiro de 1906, e novamente transferido, a seu pedido, para este liceu por decreto de 14 de Dezembro de 1906.<sup>84</sup> Era também colega de Luiz José Teixeira Nápoles, professor efectivo do 7.º grupo (desenho), nomeado secretário por decreto de 8 de Junho de 1908. Tinha sido nomeado professor deste liceu por decreto de 10 de Abril de 1889.<sup>85</sup> Também o colega Manoel da Silva Quintella tinha sido nomeado professor do 1.º grupo do liceu nacional de Leiria por decreto de 1896 e transferido para este liceu por decreto de 24 de Março de 1897.<sup>86</sup> Foi ainda colega em 1902 pelo menos de Baltazar de Almeida Teixeira que era professor de Língua Francesa.<sup>87</sup>

Também foi colega de Francisco David Calder, bacharel em Direito, nomeado professor do antigo 3.º grupo por decreto de 23 de Janeiro de 1890, sendo mais tarde nomeado professor do 4.º grupo por decreto de 11 de Novembro de 1897<sup>88</sup>, leccionando Geografia e História.<sup>89</sup> Foi ainda colega de Flávio Moreira da Fonseca, que tinha sido nomeado professor do 3.º grupo por decreto de 4 de Abril de 1904. Foi, ainda, colega no seu último ano em Lamego de António Diogo do Prado Coelho que tinha sido nomeado professor do 2.º grupo por decreto de 30 de Maio de 1908. Era

<sup>78</sup> *A Semana*, Ano XI, n.º 547, p. 2, coluna 4, Lamego, 3 de Outubro de 1908.

<sup>79</sup> *Apêndice ao Diário do Governo*, n.º154, 25 de Abril de 1909, citado por Pintassilgo (2004).

<sup>80</sup> *A Semana*, Ano XII, n.º 578, p. 2, coluna 2, Lamego, 8 de Maio de 1909.

<sup>81</sup> *A Semana*, Ano XI, n.º 582, p. 1, coluna 4, Lamego, 5 de Junho de 1909.

<sup>82</sup> *O Progresso*, ano XXV, n.º. 1258, p. 1, coluna 4, Lamego, 15 de Maio de 1909.

<sup>83</sup> *A Semana*, Ano XII, n.º 611, p. 2, coluna 5, Lamego, 1 de Janeiro de 1910.

<sup>84</sup> *Anuário do Liceu Nacional de Lamego*, Ano Escolar de 1908-1909, 3.º ano de publicação, Typ. da Empresa Literária e Typográfica, Porto, p. 8, 1910.

<sup>85</sup> *Anuário do Liceu Nacional de Lamego*, *idem*, p. 8, 1910.

<sup>86</sup> *Anuário do Liceu Nacional de Lamego*, *idem*, p. 7, 1910.

<sup>87</sup> ARQUIVO DA ESCOLA SECUNDÁRIA LATINO COELHO, *Livro de Actas do Conselho Escolar de 1902*.

<sup>88</sup> *Anuário do Liceu Nacional de Lamego*, Ano Escolar de 1908-1909, 3.º ano de publicação, Typ. da Empresa Literária e Typográfica, Porto, p. 7, 1910.

<sup>89</sup> Ver *Anuário do Liceu Nacional de Lamego*, Ano Escolar de 1909-1910, 4.º ano de publicação, Typ. da Empresa Literária e Typográfica, Porto, p. 19, 1911.

professor de Ginástica José Azeredo Pereira de Gouveia por despacho ministerial de 28 de Maio deste ano de 1908. Eram guardas, Manuel de Jesus Leopoldo, nomeado por despacho de 16 de Outubro de 1883 e Arnaldo Soeiro Rua o responsável pela guarda da biblioteca e foi nomeado por decreto de 1 de Abril de 1909.<sup>90</sup>

Devido à sua influência o liceu de Lamego ganhou uma dinâmica de experimentação e de observação científica que foi mantendo, embora com as dificuldades decorrentes da situação de guerra que vive entre 1914 e 1918, bem como das restrições orçamentais.<sup>91</sup>

#### 5.4 - Leiria

Como reitor do Liceu de Leiria em 1909-1910, cargo para que foi nomeado em 9 de Dezembro de 1909<sup>92</sup>, sete meses depois da sua transferência para Leiria em 6 de Maio de 1909 e visto de dia 8 desse mesmo mês<sup>93</sup>, vai contribuir para o progresso desta Escola, conseguindo o melhoramento das condições de funcionamento das salas de Ciências e a aprovação de dois cursos livres (Esgrima e Higiene). Fez ainda com que o liceu fosse o primeiro a ter um curso de Higiene Elementar. Isto aconteceu, talvez devido a uma inspecção sanitária, que obrigou a remodelações a nível da higiene escolar. Com a implantação da República, José Júlio Bettencourt Rodrigues cessou as suas funções reitorais, seguindo-se no liceu um período de instabilidade.<sup>94</sup>

Em 1930 afirma-se que saiu de Leiria por ter sido nomeado professor efectivo do Liceu Central de Camões em Lisboa. Tinha cumprido cerca de um ano de serviço.

#### 5.5 – O Liceu Camões

A saída de Leiria faz-se para o Liceu Camões onde foi professor efectivo de 1910 a 1914. Entretanto em 1912 foi nomeado vogal efectivo do Conselho de Arte e Arqueologia de Lisboa. Nesse mesmo ano foi nomeado vogal e secretário da Comissão de Reforma do Ensino Secundário Português, sendo presidente Adolfo Coelho. Com Viana da Mota como Presidente, foi vogal e secretário da Comissão para organizar as bases da adjudicação do Teatro Lírico. Foi, também, secretário da redacção do jornal *As Novidades*. Foi nomeado presidente dos júris da 7.ª classe no Liceu Rodrigues de Freitas do Porto. No que diz respeito ao ensino superior, foi convidado para professor de Filosofia de Arte na Universidade Livre de Lisboa.

A sua actividade de publicação é intensa, particularmente no que diz respeito aos manuais de química e de física, onde revela os seus conhecimentos práticos sobre didáctica e pedagogia destas ciências experimentais.

Falará um dia de Guerra Junqueiro, recordando que depois da morte do pai: “eu fui para Coimbra. Veio a República, e em princípios de 1911, numa fina manhã de Outono, doirada e macia, na rua do Ouro, encontrei de novo Guerra Junqueiro”. Conta

<sup>90</sup> Ver *Anuário do Liceu Nacional de Lamego*, Ano Escolar de 1908-1909, 3.º ano de publicação, Typ. da Empresa Literária e Typográfica, Porto, p. 8, 1910.

<sup>91</sup> MESQUITA, H. A., *Liceu de Lamego*, Edições Crisos, Lamego, 1943.

<sup>92</sup> *Diário do Governo*, ano 1909, n.º 291, p. 4235, coluna 1, 23 de Dezembro de 1909.

<sup>93</sup> *Diário do Governo*, ano 1909, n.º 105, p. 1578, coluna 2, 13 de Maio de 1909.

<sup>94</sup> Extraído de <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/lugares/osantigosliceu/newpage12.htm>, acesso em 18 de Fevereiro de 2010.

que este tratou com entusiasmo o pequenito Germano, de 7 anos, moreninho de olhos ardentes, o filho de José Júlio Rodrigues, e continuou este deambular de recordações para nos informar da recusa do poeta em ir ao Brasil por ter medo do mar. O convite era-lhe feito por ele, o fundador do Núcleo de Expansão Nacional que queria levar até ao Brasil “um grupo representativo de todas as classes mentais do país”.<sup>95</sup>

Também este tempo de espera no Liceu Camões – três a quatro anos - lhe serve para iniciar uma série de compêndios sobre física e química que lhe vai servir de cartão-de-visita quando partir em 1913 ou 1914 para a primeira estada no Brasil, objecto da nossa investigação.

---

<sup>95</sup> RODRIGUES, *idem*, 1930, p. 309.